

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
ESPECIALIZAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL
CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS**



**DE CHARQUEADA A ESCOLA:
Uma proposta de Educação Patrimonial para a escola Ferreira Vianna**

REJANE CORRÊA SANTOS

Pelotas, 2007

REJANE CORRÊA SANTOS

DE CHARQUEADA A ESCOLA:

Uma proposta de Educação Patrimonial para a Escola Ferreira Vianna

Trabalho acadêmico apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Artes,
como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista em Patrimônio
Cultural Conservação de Artefatos.

Orientadora: Carmen Lúcia Abadie Biasoli

Pelotas, 2007

DEDICATÓRIA

Ao meu marido João, que é meu braço direito, meu porto seguro, meu
companheiro, meu amigo e meu amor, por estar na minha vida,
sempre paciente e pronto para qualquer jornada.
Com amor

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora, por terem me dado força vital, fazendo-me ter energia, dedicação e responsabilidade ao fazer este trabalho.

A minha Orientadora Carmen Biasoli pela paciência e por ter me aceitado como orientanda, incentivando-me e colaborando para minha prática docente.

Um especial agradecimento a Ester Gutierrez pela disponibilidade de tempo de materiais e principalmente pelos ensinamentos, os quais foram essenciais para realização desta pesquisa.

A toda comunidade da escola Ferreira Vianna, principalmente às professoras que concederam as entrevistas e também aos alunos da oitava série que participaram da pesquisa. Sempre dispostos a ajudar.

A Gabriela Damé pela ajuda nos momentos de dificuldades virtuais.

A minha sogra D. Lila, meu cunhado José e ao pequenino Arthur, por trazer alegria e tranqüilidade. Pessoas que, muitas vezes, anonimamente contribuem para minhas conquistas.

RESUMO

Este trabalho está dividido em duas linhas principais. A primeira, uma breve contextualização histórica do município de Pelotas, assim como uma análise a respeito de questões legais sobre Tombamento e Preservação de bens culturais. A segunda trata da elaboração de propostas pedagógicas para a Escola Ferreira Vianna, tendo como objeto de estudo a História do Educandário, já que este foi sede de uma das primeiras charqueadas pelotenses e seus terrenos deram origem a Freguesia de São Francisco de Paula, representando um legado histórico para o município de Pelotas. Para a realização deste estudo, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas semi-estruturadas, com professores e alunos da Escola Ferreira Vianna. Em seguida, foi feita a análise dos dados coletados. Para a elaboração das propostas, foram utilizados os conceitos presentes na Educação Patrimonial, e posterior reflexão sobre as questões patrimoniais, sua aplicabilidade e influências no cotidiano da instituição.

Palavras-chave: Escola Ferreira Vianna. Patrimônio Histórico. Educação Patrimonial

ABSTRACT

This monography is divided in two main lines. First, a brief historical context of the district of Pelotas, as well as an analysis regarding legal subjects about *Tombamento* and Preservation of cultural goods. The second, is about the elaboration of pedagogic proposals to Ferreira Vianna School, having as study object the history of the school, because its building was part of one of the first “Charqueadas” of Pelotas and one headquarter of its lands have given origin to the “Freguesia de São Francisco de Paula”, representing a historical legacy to the district of Pelotas. For the accomplishment of this study, were applied questionnaires and semi-structured interviews with teachers and students in Ferreira Vianna School. Then, afterwards, was made the analysis of the collected data. For the elaboration of the proposals the present concepts in Patrimonial Education were used, making a reflection on the patrimonial subjects and analyzing its applicability as well as noticing its influences in the daily of the institution.

Key-words: Ferreira Vianna School, Historical Patrimony, Patrimonial Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Espera.....	19
Figura 2- Zorra	19
Figura 3- Zorreiros.....	19
Figura 4- Carneadores	20
Figura 5- Picador.....	20
Figura 6- Lingueiro	20
Figura 7-Tirador de Carretilha	20
Figura 8- Foto da antiga Charqueada de Calheca (1914)	25
Figura 9- Foto (frontal) da E.M.E.F. Ferreira Vianna atualmente (2007)	26
Figura 10-Foto (fundos) da E.M.E.F. Ferreira Viannaatualmente(2007)	27
Figura 11- Foto (fundos) da E.M.E.F. Ferreira Vianna atuamente(2007)	27
Figura 12-Detalhe externo.....	28
Figura 13- Janela – vista externa	29
Figura 14- Entrada dos fundos	29
Figura 15- Porta externa (frente)	30
Figura 16- Porta interna	30
Figura 17- Janela (vista interna).....	31
Figura 18-Piso do corredor central (ladrílho hidráulico).....	31
Figura 19-Detalhe de parede externa.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PELOTAS – CIDADE HISTÓRICA DO RIO GRANDE DO SUL: BERÇO DAS CHARQUEADAS.....	14
1.1 A História de Pelotas.....	14
1.2 A influência das Charqueadas Pelotenses.....	17
1.3 O charque.....	18
1.4 O fim do ciclo do charque.....	21
2. ESCOLA FERREIRA VIANNA: SUA HISTÓRIA E A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR.....	23
2.1 A origem do nome da escola.....	23
2.2 A História da escola Ferreira Vianna.....	23
2.3 A comunidade escolar.....	32
2.4 A percepção da comunidade escolar.....	33
2.5 A Direção.....	34
2.6 Os alunos.....	35
2.7 As professoras.....	37
2.7.1 Formação acadêmica e atuação.....	37
2.7.2 História de Pelotas e Patrimônio Histórico.....	37
2.7.3 História da escola.....	37
2.7.4 Educação Patrimonial.....	38
3. PATRIMÔNIO CULTURAL: LEGISLAÇÃO E CONCEITOS.....	41
3.1 Legislação.....	41
3.2 Conceitos.....	44
4. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA A ESCOLA FERREIRA VIANNA.....	47
4.1 Educação Patrimonial.....	47
4.1.1 A metodologia de trabalho.....	51
4.2 Sugestões específicas para as áreas de conhecimento.....	52
4.2.1 Arte.....	52
4.2.2 Matemática.....	53
4.2.3 Ciências.....	53

4.2.4 Geografia.....	54
4.2.5 História.....	54
4.2.6 Português.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES.....	62

INTRODUÇÃO

Ao lançar um olhar mais detalhado e aprofundar meus conhecimentos acerca do patrimônio cultural, não poderia deixar de vincular o estudo com meu local de trabalho, uma vez que é nessa escola que atuo como professora. É inegável sua importância, haja vista seu valor na tessitura da história de nosso município e do Brasil em geral.

Ao avaliar o tema, foi possível perceber a infinidade de possibilidades didáticas, tanto teóricas quanto práticas que esta pesquisa pode proporcionar.

A escolha do tema de pesquisa tem sua gênese na experiência como professora de Arte do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal em Pelotas, desde fevereiro de 2004. Minha atuação pedagógica envolve turmas da Pré-Escola à 8^a série.

No contato direto com os alunos, durante as aulas, fiquei atenta aos relatos feitos por eles e identifiquei a falta de conhecimentos sobre a história da instituição. Fato que mobilizou meu interesse em desenvolver um trabalho que pudesse auxiliar esses alunos a perceberem-se integrantes de uma história que, no passado, seus pais e avós também fizeram, estudando ou trabalhando na instituição.

Um trabalho como este visa oferecer literatura para ajudar na formação de indivíduos conscientes de sua realidade, sabedores de sua história, podendo assim, tornar possível a construção de uma nova realidade na relação dos verdadeiros donos do espaço escolar – os alunos. É necessário sensibilizá-los para as questões do patrimônio histórico cultural e para os deveres que cada um tem com os bens culturais. É de fundamental importância propiciar aos alunos noções de cultura, patrimônio e suas especificidades.

Já que o trabalho se desenvolve totalmente no espaço escolar, dentro de uma instituição de ensino, a Educação Patrimonial representa um suporte para a realização de propostas pedagógicas, que podem ser aplicadas com os alunos, na tentativa de tornar a história da escola um componente no currículo escolar para ser trabalhado por todas as áreas do conhecimento.

Ao conhecer a história do lugar onde vivem e estudam, bem como da comunidade em que convivem, os alunos terão mais facilidade para entender as estruturas culturais ali apresentadas e que, na maioria das vezes, eles não usufruem e muito menos percebem a necessidade de preservá-las.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Ferreira Vianna está situada à margem norte do Canal São Gonçalo, à Rua João Thomas Munhós nº 86, na Vila da Balsa - uma ocupação irregular - na zona do Porto/Várzea em Pelotas/RS. A História da escola começou em 9 de abril de 1957, quando foi fundada. O prédio pertence à Prefeitura Municipal de Pelotas desde 1914.

Inicialmente, funcionava como Grupo Escolar, atendendo até a quarta série. Com o passar dos anos, foi sendo ampliada sua capacidade, hoje possui Ensino Fundamental completo.

O objeto de pesquisa - a Escola Ferreira Vianna – no passado, foi sede de uma charqueada que pertenceu a José Gonçalves da Silveira Calheca, avô de Antônio Ferreira Vianna. Essa charqueada faz parte do Núcleo Charqueador Pelotense¹.

O problema central de pesquisa foi como tornar a história da escola Ferreira Vianna em proposta pedagógica, para ser trabalhada por professores de diferentes áreas e níveis de ensino, embasada nos conceitos da Educação Patrimonial.

Em decorrência dessa questão maior, surgiram os seguintes questionamentos: Qual a percepção e o conhecimento dos professores sobre a história da escola? Qual a percepção e o conhecimento dos alunos sobre a História da escola? Quais as orientações da Secretaria da Educação do Município sobre Educação Patrimonial? Quais as propostas de ensino existentes nos planos de estudos da escola sobre Educação Patrimonial?

Assim, delineou-se como objetivo geral: investigar a história da escola Ferreira Vianna para elaborar propostas de ensino que possam ser utilizadas pelos professores da instituição, tendo como base a Educação Patrimonial.

Como objetivos específicos foram elencados os seguintes: identificar a percepção dos professores sobre a história da escola; identificar a percepção dos

¹ Situado no encontro do arroio Pelotas com o canal São Gonçalo, ligação natural entre as lagoas Mirim e dos Patos, no sul do continente americano, o cerne da produção saladeiril meridional da colônia portuguesa no Novo Mundo, o núcleo charqueador escravista Pelotense é praticamente desconhecido.” (GUTIERREZ, 2004, p.1)

alunos sobre a história da escola; identificar a existência, por parte do poder público, de alguma exigência ou indicação para que os professores de Arte ou de outras áreas trabalhem com Educação Patrimonial; elaborar propostas de ensino para serem trabalhadas com professores e alunos da escola.

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa onde os dados coletados são predominantemente descritivos, sendo composta por entrevistas (Roteiros- Apêndices 1 e 2), questionário (Apêndice 3) e fotografias, os quais privilegiaram um estudo de caso, que tem como característica a delimitação clara e a interpretação do contexto onde está sendo realizada a investigação, retratando ainda, de maneira mais fidedigna possível, a realidade.

Os questionários foram aplicados para 16 alunos da oitava série, e as entrevistas foram realizadas com 11 professoras, de diferentes áreas do conhecimento.

O estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ferreira Vianna. Participaram do estudo, os alunos da turma que já desenvolveram atividades relacionadas com patrimônio.

Na análise, os dados dos questionários foram computados para obtenção da caracterização geral dos interlocutores e as entrevistas foram registradas em protocolos (Apêndice 4) e trabalhadas conforme categorias previamente estabelecidas.

A partir da análise desses dados, foram construídas propostas pedagógicas com base na Educação Patrimonial, privilegiando-se a história da escola como basilar para as propostas de ensino.

Para a realização de tais propostas, foi necessário identificar atividades que pudessem ser aplicadas a uma comunidade escolar que pouco conhece sua história e seu valor cultural.

Nesse sentido, desenvolver a pesquisa para saber como a escola trabalha sua história e como ela encaminha os estudos sobre a história de Pelotas, foi de fundamental importância, uma vez que as questões relativas ao local onde os alunos vivem devem ser trabalhadas na 3^a série do Ensino Fundamental em todas as instituições de ensino. Fato esse que referenda este estudo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental, elaborados pelo Ministério da Educação (MEC), em 1997, reforçam essa questão ao

propor a interdisciplinaridade na educação básica, mediante a introdução dos chamados "Temas Transversais", que devem perpassar as diferentes disciplinas escolares. A Educação Patrimonial pode ser vista como tema transversal, pelos seus aspectos relacionados com a Diversidade Cultural² e a Pluralidade Cultural³.

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro, faz-se uma breve abordagem histórica sobre o município de Pelotas, desde seu surgimento, com a instalação das charqueadas, o trabalho escravo e suas influências nos diversos aspectos da sociedade. Procedendo-se, já nesse momento, uma referência ao objeto em estudo. No segundo capítulo, evidencia-se a história da Escola Ferreira Vianna, desde a época em que sediava a charqueada até os dias de hoje. São apresentados, também, os resultados da coleta de dados, identificando-se a percepção da comunidade escolar sobre a história da escola e a sua preservação, e ainda, uma reflexão sobre os conceitos e os objetivos da Educação Patrimonial. O terceiro, analisa as questões legais e conceituais sobre preservação, conservação e tombamento. No último capítulo, apresenta-se as propostas pedagógicas elaboradas, a partir das necessidades identificadas durante a coleta dos dados, que têm como base atividades didáticas focalizadas na Educação Patrimonial.

Posteriormente, são apresentadas as considerações finais, destacando-se a importância da Educação Patrimonial, para incentivar ações de preservação do patrimônio cultural.

² "As manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos e expressam a riqueza criadora dos artistas de todos os tempos e lugares. Em contato com essas produções, o aluno do ensino fundamental pode exercitar suas capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas e imaginativas, organizadas em torno da aprendizagem artística e estética." (Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte, 1997, p. 114).

³ "[...] os alunos podem transitar de sua experiência particular para outras e vice-versa, compreendendo o conceito de pluralidade cultural como parte da vida das comunidades humanas. É importante mobilizar a curiosidade dos alunos sobre contrastes, contradições, desigualdades e peculiaridades que integram as formações culturais em constante transformação e as distinguem entre si, por meio da escolha de trabalhos artísticos que expressem tais características." Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte, 1997, p.114)

PELOTAS – CIDADE HISTÓRICA DO RIO GRANDE DO SUL: BERÇO DAS CHARQUEADAS

1.1. A história de Pelotas

Em 7 de julho de 1812 foi instalada a Freguesia São Francisco de Paula, futura cidade de Pelotas, em um dos terrenos da Charqueada de Calheca. Com o

passar do tempo, o número de habitantes aumentou e, em 7 de abril de 1832, a Freguesia foi elevada a Vila, alcançando a desejada autonomia.

Em 9 de julho de 1835, a Vila de São Francisco de Paula passa a condição de cidade, com o nome de Pelotas, que recebeu esse nome devido a pequenas embarcações feitas de couro de gado, com formato parecido ao de uma bola.

Ao falar da importância histórica da cidade de Pelotas, logo o pensamento remete-nos ao conhecido centro histórico, com seus prédios ricamente decorados, sobretudo, com elementos da arquitetura clássica, mas também, de outras modalidades.

Para conhecer-se mais a história desta cidade é preciso fazer um deslocamento de nosso olhar, sair do que é denominado de “Centro Histórico Pelotense”, e focar-se no encontro das águas do Canal São Gonçalo com o Arroio Pelotas, lugar onde iniciou o maior centro saladeril escravista da Colônia e do Império da fronteira meridional do Brasil.

As construções foram se modificando com o passar dos anos, de acordo com as posses e o gosto dos seus proprietários. Diferente do centro histórico, as sedes das salgas não receberam ornamentos do clacissimo⁴.

Foram as charqueadas que impulsionaram o começo da povoação. A área desenvolveu-se com grande facilidade em vários aspectos, como no comércio, nos serviços e fixou-se no povo através de hábitos ligados a cultura, algumas vezes, requintados para uma província, devido, a riqueza obtida pela produção do charque, mediante mão-de-obra escrava utilizada na matança das reses.

O desenvolvimento e o progresso deram-se em especial, através da fabricação do charque e assim alicerçada na charqueada, nasceu uma cidade – Pelotas. Sobre isso Magalhães (2005, p.20) diz o seguinte: “À sombra das charqueadas, Pelotas transformou-se, de incipiente povoação, na cidade que seria, durante todo o século 19, a mais rica e adiantada da Província, ao lado de Porto Alegre”.

O aspecto histórico e cultural da cidade, facilmente evidenciado hoje e nem sempre prestigiado, deve-se ao período de seu surgimento e consolidação. Nessa região, representada inicialmente pelos charqueadores que buscavam na Europa os

⁴ “O Classicismo tem como princípios estruturantes: clareza e depuração das fachadas exteriores e das plantas, dominância das linhas e dos ângulos retos, corpos estereométricos, elementos sobrepostos e dispostos lado a lado de modo rígido, tranqüilidade, austeridade, nobreza.” (GYMPEL, 2001, p.70).

requintes para a região, ocorreu o desenvolvimento em todos os aspectos mostrados na construção dos casarões, inclusive o mobiliário, das igrejas, até os princípios de formação/educação dos filhos, bem como no que dizia respeito a toda cultura européia que poderia ser adquirida.

Assim, era a Europa o lugar indicado, onde os detentores de prestígio econômico buscavam o que precisavam, para usufruir e ostentar os benefícios que o dinheiro trazia. Pelotas era muito rica e prosperava. Por outro lado, imigrantes europeus de diferentes lugares e profissões, buscavam a próspera cidade do novo mundo.

Em vista desse passado, Pelotas possui um dos mais importantes patrimônios culturais do Brasil. Sua arquitetura eclética⁵ é objeto de estudos, de profissionais da arquitetura e de historiadores, pois ela guarda em si a prova de um tempo onde se buscava determinado crescimento e reconhecimento através da cultura e da arte. Prova disto são as centenas de casas e espaços públicos reservados para tais expressões, como diz Magalhães (2005, p. 77):

No centro da cidade, nas residências das famílias mais ricas, assumiu feição predominante o estilo neoclássico. Unido a detalhes do barroco e adaptações locais, pode-se dizer que hoje é uma arquitetura própria e exclusiva da cidade.

Desta maneira, procurava-se trazer da Europa todas as características da evolução que estava acontecendo. O século XIX foi marcado por grandes transformações. A implantação de serviços de infra-estrutura e equipamentos urbanos, tais como bondes, construções com o uso do ferro, nas comunicações e na expansão da eletricidade, são alguns exemplos. A aquisição da “Fonte das

⁵ O ecletismo (no Brasil) ou eclectismo (em Portugal) foi um estilo arquitetônico predominante do início do século XX. Pós a crise dos neos (neoclássico, neogótico, etc.) que dominou a arquitetura do século XIX, o debate sobre qual o estilo histórico mais importante tornou-se infrutífero. Da constatação de que a aplicação dos novos materiais não estava subordinada a um estilo específico, algumas academias (tanto européias quanto americanas) passaram a propor um modelo de arquitetura historicista, resultado da mistura de estilos diversos. http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_ecl%C3%A9ctica Acesso em: 15 jan 2007.

Nereidas"⁶ e da a Caixa d'água⁷ toda em ferro, material difundido na época, servem para exemplificar esta relação com o mundo europeu, .

O século XIX foi o momento do surgimento de uma nova organização da sociedade, com novas formas de ver a vida. Obviamente que os acontecimentos tanto na Europa quanto nessa região e no Brasil, não podem ser comparados, mas em alguns aspectos sim, pois em se tratando de Pelotas, havia um vínculo forte e vivo que se dava através de viagens e permanências de pessoas “da cidade” em países da Europa.

Sobre esses aspectos, Ortiz (1991, p.245) diz em “Cultura e Modernidade” que transformações na Europa e suas relações com o mundo, são abaladas no século XIX, um momento histórico tão importante na Europa e que influenciou em aquisições em nossa cidade, devido ao poder aquisitivo que aqui se tinha. O autor enfatiza ainda que: “o espaço e o tempo da modernidade não conhecem fronteiras; baseia-se na circulação, racionalidade, funcionalidade, sistema, desempenho”.

Era impossível que Pelotas, cidade rica e próspera, não se valesse de algumas transformações e não sofresse também influências que estavam afetando o mundo inteiro, guardadas, obviamente, as devidas proporções, uma vez que a noção de tempo sempre se altera, até mesmo pela distância que se evidencia.

1. 2. A influência das charqueadas pelotenses

Do Rio Grande do Sul, Pelotas é um dos municípios mais antigos e, para conhecer sua gênese apresenta-se uma breve história das charqueadas.

Por volta de 1870, começaram a surgir nesta região – sul do país - as charqueadas, local onde era salgada a carne bovina e colocada em mantas dispostas ao ar livre. Em “Negros Charqueadas & Olarias”, encontra-se o seguinte:

O cerne do núcleo charqueador pelotense, constituído ao longo do século XIX, estruturou-se em mais de trinta fábricas contíguas situadas nas margens direita do arroio Pelotas e norte do canal São Gonçalo. Esses

⁶ “O chafariz, instalado na Praça Coronel Pedro Osório, é popularmente conhecido como Fonte das Nereidas. Não existem informações sobre como este nome foi atribuído a fonte, pois os chafarizes, quando foram comprados e instalados, não tinham nome e a fonte era simplesmente chamada na época de Chafariz da Praça Pedro II.” (XAVIER, p. 75, 2006).

⁷ “A Caixa d'Água Praça Piratinino de Almeida é sem dúvida um dos mais belos monumentos da arquitetura do ferro do Brasil, pelas suas qualidades formais e a sua grande importância para a história da arquitetura.” (XAVIER, (2006, p.120). “A caixa d'água da Praça Piratinino de Almeida veio da cidade de Paisley, vizinha da cidade de Glasgow, Escócia, de onde foi encomendado todo o projeto e os materiais do sistema de abastecimento de água implantado pela Companhia Hidráulica Pelotense. (XAVIER, 2006, p. 128)

estabelecimentos contavam com um, dois ou três terrenos, faixas compridas e estreitas, intercalados por estradas. O terreno da charqueada, propriamente dito, localizava-se junto à beira da água, os potreiros do meio e de fora ou de fundos, ficavam junto ao Logradouro Público, onde os rebanhos de gado impulsionou o desenvolvimento urbano de Pelotas. (GUTIERREZ, 2001, p.178)

A produção do charque no Brasil teve início no nordeste brasileiro, mas não se compara com esta região, onde foi muito maior, proporcionando um enorme rendimento comercial a seus produtores. As charqueadas transformaram a base da economia local e do próprio Rio Grande do Sul por longa data.

A charqueada marcou profundamente a formação socioeconômica do Rio Grande do Sul, constituindo, principalmente nas três primeiras décadas do século XIX, a maior fonte de riqueza de muitas regiões, sendo que em Pelotas ela teve papel crucial no desenvolvimento e posterior urbanização.” (ARRIADA, 1994, p.47)

A cidade transformou-se em um centro exportador do produto para o país, sendo que a matéria prima para seu desenvolvimento vinha das estâncias, tanto da redondeza quanto de outras mais distantes. A chegada do gado dava-se pela Tablada e Logradouro Público, e seguiam até as charqueadas.

Com a riqueza, advinda do comércio do charque, a cidade foi rapidamente constituída e consolidando-se como um grande local para os serviços e para a cultura. As charqueadas trouxeram abundância de riquezas para seus proprietários e suas respectivas famílias. O charque, produzido aqui, era transportado de barco para muitos portos brasileiros e era consumido também pelos escravos, significando uma renda farta para os charqueadores. A importância econômica da região, proporcionada pela produção do charque é fato historicamente conhecido. Em contrapartida, pode-se observar as condições sub-humanas as quais eram submetidos os escravos, que trabalhavam nas charqueadas, mantidos à repressão severa e constante, por seus donos.

A importância dos charqueadores pode ser assim descrita:

“Muitos desses charqueadores eram homens letRADOS, políticos influentes nas esferas do poder; possuíam um padrão de vida elevado, tendo vários deles casas de comércio em Rio Grande. Pelotas foi crescendo, embora inicialmente, ao nascerem as charqueadas, não existisse o menor indício de

urbanização. Onde hoje está assentada a cidade, havia apenas alguns ranchos e assim mesmo dispersos pelos vastos terrenos." (ARRIADA, 1994, p. 64)

Com as charqueadas, a cidade foi crescendo, o poder econômico foi determinante e muito abundante para os charqueadores, que foram transformando o espaço em todos os aspectos.

1. 3 O Charque

O charque utilizado, principalmente, como alimento dos escravos, era enviado para todo o Brasil e para outros países. Tudo era aproveitado: o couro, o pó dos ossos para fertilizante, o sangue para gelatina, a língua defumada, os chifres para várias utilidades. Gutierrez (2004, p.23) fala a respeito de como era estruturada essa produção:

Durante o século XIX, a população servil oscilava entre 21 e 127 pessoas, numa média de 54 trabalhadores, por fábrica. Entre esses, estavam os que trabalhavam diretamente com as carnes. A grande divisão na produção dava-se entre carneadores e serventes; respectivamente, suas médias correspondiam a 14 e 15 cativos. Depois, na ordem, apareciam descarneadores, graxeiros, sebeiros, chimangos, charqueadores, aprendizes e tripeiros.

O charque era exportado para toda a Europa e os Estados Unidos de novembro a abril. A seguir, algumas imagens que mostram como era o trabalho nas charqueadas, retratadas no olhar do gravurista gaúcho Danúbio Gonçalves. As imagens (Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7) pertencem a série "Xarqueadas" (LEITE 2004, p. 18).



Figura 1 - Espera



Figura 2 - Zorra



Figura 3 - Zorreiros



Figura 4 - Carneadores



Figura 5 - Picador

Figura 6 - Lingueiro



Figura 7 – Tirador de Carretilha

Os cativos começavam os trabalhos entre meia-noite e uma hora da manhã e terminavam ao meio-dia. À tarde a temperatura aumentava e o intenso calor tornava o trabalho mais extenuante, bem como intensificava o forte odor de sangue. É preciso salientar que o trabalho escravo nas charqueadas pode ser qualificado como desumano, devido as suas condições, o que é comprovado nas palavras de Gutierrez (2001, p. 222):

O espaço da produção charqueadora pelotense foi um dos locais de consolidação do sistema escravista do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que foi lugar onde verificou-se a exploração violenta do trabalho cativo.

O trabalho nas charqueadas é sempre mencionado pelas condições insalubres e de muita crueldade. Os cativos não tinham direitos, nem eram reconhecidos por seu trabalho, sendo sempre tratados com severidade e crueldade pelos feitores também pelos proprietários.

1. 4. O Fim do Ciclo do Charque

Muitas foram as causas do fim do ciclo do charque em Pelotas. Uma das principais foi a abolição dos escravos, que eram os seus principais consumidores.

Uma outra causa foi a criação dos frigoríficos na década de 1910. Em 1918, restavam cinco charqueadas em Pelotas. Motivos significativos para a decadência e conseqüente extinção das mesmas, como argumenta Leite (2004, p.55):

“A proibição do tráfico negreiro, em 1851, afetou a economia do charque, obrigando os charqueadores a procurar novas opções para as Charqueadas. Começa uma acentuada diversificação do trabalho, como o estabelecimento de barracas para aproveitamento dos subprodutos das Charqueadas, as fábricas de sabão, velas e outros mais. Surgem excelentes artesãos, que trabalham o couro, metais e madeira. Esse acúmulo de capital intensificou as operações bancárias e as operações de crédito.”

Com o fim desse ciclo, as construções, que sediaram essas produções, passaram a assumir outras atividades, algumas sendo transformadas em moradias e outras ficaram ao longo dos anos totalmente abandonadas.

Cabe, aqui, contar que antes de tornar-se escola, o prédio da Charqueada de Calheca, teve algumas funções que não puderam ser devidamente especificadas pela pesquisa, devido à falta de comprovação documental.

Como o prédio da escola fez parte do mais importante momento histórico do município de Pelotas, o capítulo seguinte apresenta a história dessa escola e a percepção da comunidade escolar sobre a sua importância para professores, alunos, funcionários, e para o próprio bairro.

ESCOLA FERREIRA VIANNA: SUA HISTÓRIA E A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

2.1. A origem do nome da escola

A escola recebeu o nome de Antonio Ferreira Vianna, filho ilustre de Pelotas, neto de José Gonçalves da Silveira Calheca. *Ferreira Vianna* foi Conselheiro Imperial, nasceu em Pelotas em 1833 e faleceu no Rio de Janeiro em 1903. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Foi promotor público e dedicou-se a advocacia. Foi deputado, presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Ministro da Justiça e Império. Redigiu a Lei Áurea, que a Princesa Isabel assinou em 13 de maio de 1888, decretando a extinção da escravidão no Brasil.

2.2. A História da Escola Ferreira Vianna

A história do prédio começou, provavelmente, no final do século XVIII e início do século XIX. A zona onde está situada é historicamente conhecida e deu origem a “Freguesia de São Francisco de Paula”, fundada em 1812. Em 1815, foi apresentada a planta do levantamento do antigo potreiro de Calheca, caracterizando o primeiro loteamento urbano da nova povoação, dando origem ao centro urbano de Pelotas.

Em 1914, os terrenos da escola foram comprados pela Prefeitura Municipal de Pelotas para construir o Asseio Público. Carroças e cabungos eram utilizados para o recolhimento de esgoto da cidade e, então, jogados no Canal São Gonçalo. Em 1917, foi inaugurado o Frigorífico Rio-Grandense de capital nacional e em 1924 foi comprado pelo Frigorífico Anglo, de capital estrangeiro.

A história do educandário teve início em 1957. Entre 1950 e 1960 deu-se a ocupação irregular, da então Vila da Balsa. Sobre a ocupação Gutierrez (2004, p. 8) diz que:

No início do século XX, na margem do São Gonçalo, os terrenos próximos ao arroio Pepino foram comprados pela municipalidade, para assentar o Asseio Público. Durante este último século, esses espaços tiveram uma ocupação de maneira irregular. Hoje, o poder público municipal trabalha no sentido de regularizar essa situação.

O que permanece do que foi a charqueada é a sede central, que abriga salas de aula, sala da direção e coordenação e tem como característica principal na estrutura o pé direito alto, marcos, portas e janelas, que necessitam de conservação. Sobre o que foi e como era a charqueada Gutierrez (2001, p. 166) destaca:

No terreno estava construída uma morada de casas de paredes de tijolos e coberta de telha, com sua tafona e seus pertences: um galpão de charqueada; dois ranchos; dois galpões de olaria, com seu forno, nas margens do São Gonçalo. E para completar a listagem das bem feitorias, um curral velho de madeira.

Apesar de somente o prédio principal existir, é possível termos a dimensão do que representa historicamente essa construção. Ao olhar mais atentamente e conhecer os detalhes estruturais e da arquitetura que ainda existe, fica fácil observar e ter noção de tudo que, ainda, pode ser explorado ao se estudar o lugar como um todo.

A antiga sede da charqueada de Calheca (Figura 9) representa inúmeras possibilidades de pesquisas. Sobre sua importância para o município e também para a compreensão histórica do bem patrimonial que representa, Gutierrez (2006, p. 41) enfatiza esse fato, apontando que:

Para esta sede pode ser atribuído **valor artístico, histórico e cognitivo**. Através das fachadas revela a linguagem luso-brasileira e das divisões internas, o modo de vida dos senhores das carnes. Parte de a propriedade ter dado origem ao centro da cidade e parte, ao Asseio Público a coloca como recurso fundamental no processo de aprendizagem sobre a formação das áreas históricas.



Figura 8. – Foto da antiga charqueada de Calheca - 1914

Fonte: Secretaria de Arquitetura e Urbanismo de Pelotas

O prédio apresenta muitas características que podem ser estudadas, observando tanto questões artísticas, quanto históricas e sociais. Mostra uma diversidade em sua composição que instiga a pesquisa sobre seu passado e também sobre sua preservação.

O estado de conservação do prédio que sediava a antiga charqueada merece atenção e Gutierrez (2001, p.266) comenta que:

Em relação ao estado atual de conservação desta antiga sede de charqueada, considerou-se que está bem conservada, apesar de ter perdido sua volumetria original em função da troca do material do telhado, hoje em fibrocimento. Foi colocada uma laje de concreto armado como forro.

A atenção e o cuidado em relação aos aspectos de conservação, que são identificados no prédio da escola, são fundamentais para que a mesma mantenha as características que ainda permanecem dos tempos em que foi charqueada, tendo em vista que está em pleno uso. O uso pode significar tanto a manutenção quanto sua destruição se não for bem orientada e respaldada pela preocupação com as questões históricas.

A escola (Figuras 10 e 11) tem passado por transformações físicas, muito significativas ao longo dos anos, seja com pequenas reformas, ou com ampliações que redimensionaram todo seu espaço físico. Hoje, a escola está totalmente reformada e ampliada, possuindo 12 salas de aula, uma quadra poli esportiva coberta, laboratório de química, laboratório de informática e biblioteca ampla.

Possui um amplo pátio aberto, outro coberto, que faz do ambiente escolar um espaço educativo prazeroso, tornando o aprendizado e o cotidiano escolar em ambientes mais adequados para seus alunos.



Figura 9 – E.M.E.F. Ferreira Vianna – Atualmente (2007)
Fonte: da autora



Figura 10 – E.M.E.F. Ferreira Vianna – Atualmente (2007)
Fonte: da autora



Figura 11 – E.M.E.F. Ferreira Vianna – Atualmente (2007)
Fonte: da autora

A seguir pode-se conferir alguns detalhes originais, internos e externos, da arquitetura do prédio da escola. (Figuras 12 a 18).



Figura 12 - Detalhe externo
Fonte: da autora



Figura 13 - Janela (vista externa)
Fonte: da autora



Figura 14 - Entrada dos fundos
Fonte: da autora



Figura 15 - Porta externa (Frente)
Fonte: da autora



Figura 16 - Porta interna
Fonte: da autora



Figura 17 - Janela (vista interna)
Fonte: da autora



Figura 18
Piso do corredor Central (Ladrilho Hidráulico)
Fonte: da autora



Figura 19 - Detalhe de parede externa
Fonte: da autora

A comunidade escolar tem em seu quadro de profissionais 30 professores, atuando na Pré-escola, Currículo e Área até a 8^a série, 15 funcionários, que estão

distribuídos em três turnos, manhã, tarde e noite, atendendo no total a 540 alunos, sendo que no terceiro turno se desenvolve o PEJA - Programa de Educação de Jovens e Adultos – cuja maioria dos estudantes são pais de alunos da manhã e da tarde.

Ao conhecer a comunidade escolar e a história do prédio, percebe-se as possibilidades que a estrutura proporciona para o desenvolvimento de um trabalho de Educação Patrimonial, envolvendo toda a comunidade escolar.

Um aspecto importante e facilitador para este trabalho é a equipe diretiva da escola, que demonstra interesse e empenho em fornecer subsídios para que atividades na área da Educação Patrimonial sejam desenvolvidas, o que representa muito no apoio que é necessário em situações como essas. Esse suporte é necessário, principalmente, para que ela tome iniciativa a frente em momentos de negociações e exigências feitas junto ao poder público.

A comunidade do entorno é, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo, e, com freqüência, não consegue suprir suas necessidades básicas. Hoje ainda, o acesso à escola de alguns alunos dá-se por via fluvial, outros como já foi dito, ocupam áreas ribeirinhas, respectivamente Arroio Pelotas e Canal São Gonçalo.

As famílias, em grande número, dependem basicamente da atividade pesqueira. Há períodos em que a pesca é proibida na região, devido à desova dos peixes e durante esse tempo, os pescadores legalizados, isto é, cadastrados como profissionais pesqueiros, recebem um auxílio salarial, já os demais, exercem a pesca clandestinamente e não possuem essa ajuda, dificultando ainda mais a sua sobrevivência.

Nesse contexto, a realidade educacional desta comunidade, concentra um elevado número de pessoas não alfabetizadas ou que apenas escrevem seu nome, sendo que a maioria dos alunos é oriunda de famílias muito pobres, que muitas vezes migram para outras localidades, o que acarreta à baixa freqüência escolar e, como conseqüência, a reprovação ou evasão. Fatos que estão sempre sendo motivos de reuniões e discussões com o próprio Conselho Escolar e com a Secretaria Municipal da Educação.

É importante destacar que a maioria dos alunos estuda em “família”, existindo alguns casos de haver 4, 5 e até 6 irmãos estudando em séries diferentes, sendo

que, entram na Pré-escola e saem somente na oitava série. A escola não oferece o Ensino Médio.

2. 4. A Percepção da comunidade escolar

Para saber o quanto a comunidade escolar conhece a história do educandário, foram realizadas entrevistas com a direção e com 16 alunos da oitava série e também foi realizada entrevista com 11 professoras das seguintes áreas do conhecimento: Matemática, História, Educação Física, Ciências, Geografia, Arte, Língua Estrangeira, Religião, Português.

2. 5. A direção

Ao entrevistar a diretora, foi questionado a respeito da possível indicação por parte da Secretaria da Educação sobre o trabalho com Educação Patrimonial, se havia exigência ou orientação. Nesse sentido ela respondeu que:

“Nunca nem ouvi falar, sobre isso, em nenhuma reunião. Eu ouvi comentários que a gente não podia mudar a cor da escola, que as escolas tinham todas, o mesmo tom, que era uma questão de preservação de prédio público, mas nada haver com questão patrimonial, assim, era só pra se identificar que a escola era municipal. A prefeitura tem um padrão, mas nada haver com o patrimônio, com a preservação patrimonial da escola.”

Também foi perguntado se a escola possui em seus planos de estudos propostas pedagógicas sobre Educação Patrimonial. A resposta da diretora foi a seguinte:

“Nós não temos propostas de ensino sobre Educação Patrimonial, nos planos de estudo da escola. O que existe, é patrimônio público, existe no conteúdo de terceira série, por exemplo, os prédios históricos de Pelotas, a gente trabalha bem as charqueadas. Isso surgiu aqui, pra nós, com o trabalho da Ester Gutierrez⁸, foi a primeira pessoa que veio entrevistar e saber da vida dessa comunidade”.

Ela afirma que sente muito pelos fatos equivocados que aconteceram e acontecem na escola, como por exemplo, saber que a maioria das professoras não tem a menor noção de quem foi Ferreira Vianna. Sua fala sobre isso é:

⁸ Professora Ester J. B. Gutierrez. Graduada em Arquitetura e Urbanismo, Especialista em Educação e em Gestão do Patrimônio Cultural Integrado ao planejamento Urbano das cidades da América Latina, Mestra e Doutora em História do Brasil.

“O Ferreira Vianna que é o patrono da nossa escola foi quem redigiu a Lei Áurea, a gente não sabia. Um fato importante, pra tu ver como não existe nenhum plano de estudo de Educação Patrimonial da escola, que uma diretora pintou as paredes da escola, de flores. Eu fiquei chocada vendo esse tipo de trabalho. Na época, te juro que me chocou muito, e ninguém reclamou, inclusive eu que fiquei chocada, não reclamei. As crianças começaram a achar bonito, todo mundo achou que estava mais alegre a escola, ninguém reclamou.”

A diretora contou que a escola possuía um quadro com o retrato de Ferreira Vianna e que foi colocado no lixo por outra diretora, porque estava muito velho.

Conta-nos que havia pessoas que não agüentavam mais olhar para ele, e este fato “não foi por maldade, foi por ignorância mesmo, falta de conhecimento, uma pena”, lamentou.

Falou, também, que o grupo nunca discutiu sobre o assunto, e que talvez se tivessem feito, esse ato poderia ter sido evitado. Diz ela que, quem colocou fora não sabia o que estava colocando fora. Hoje, jamais concordaria com algo assim.

Ao refletir sobre as falas da diretora, percebe-se que as atitudes da comunidade escolar podem ser transformadas. Segundo ela as temáticas sobre patrimônio, nem de perto passam pelos planejamentos da escola, mas que na sua percepção são fundamentais para a manutenção da cultura.

2.6. Os alunos

A escolha dos alunos da oitava série deu-se por dois motivos principais: o primeiro, por serem os que estão na escola por mais tempo, já que 80% deles entraram na Pré-escola ou na primeira série e, esta convivência, por si só, traz em si, muitas relações.

O segundo motivo é que, com esses alunos, já foram desenvolvidas atividades relacionadas à Educação Patrimonial nas aulas de Arte, tendo como objeto de estudo a história da escola. Ocasões em que alguns aspectos da arquitetura foram comparados com os antigos e constatado que eram diferentes dos atuais. Também, foram produzidos roteiros de teatros para contar a história da charqueada que existia antigamente ali. A partir desse trabalho foi possível fazer uma análise sobre suas concepções e seus conhecimentos sobre o tema.

Para os alunos foram perguntadas questões específicas de conhecimento sobre a história da escola da época das charqueadas e, também, sobre os conceitos de preservação.

Quando perguntados se sabiam que o prédio já havia sido uma charqueada, 90% respondeu que sim. Contudo, a maioria disse que seu proprietário foi Ferreira Vianna, quando ficou visível a confusão e a falta de conhecimento sobre o dono do saladeiro e o patrono da escola.

Nas questões patrimoniais, todos os alunos questionados disseram que o prédio da escola precisa ser preservado e apenas 20% não sabia o significado de Patrimônio Histórico. Quando indagados se possuem atitudes em relação à preservação do prédio, 25% não têm nenhuma atitude concreta sobre a preservação do prédio. Salienta-se que, após a aplicação dos questionários todos os alunos, queriam conversar sobre o tema, sobre as perguntas, e saber o que seria feito com as respostas. Disseram que tinham medo de ter respondido “errado” e a maioria queria ter aula de “Patrimônio” para aprender mais sobre a história da escola. Falaram, também, em aprender sobre a história de suas famílias, já que muitos vivem naquela localidade há muito tempo.

Sobre a pergunta: Você sabe o que é preservar? Destacam-se algumas das respostas:

“Preservar é cuidar de tudo, não quebrar os vidros da sala de aula, não jogar lixo no chão, etc.” (13 anos)

“Sim. Cuidar para não sujar, não destruir e para não acabar com essa escola que tem tanta história, e tantos anos.” (14 anos)

“Significa, cuidar de alguma coisa, cuidar para não sujar e para não destruir.” (14 anos)

“Não deixar os outros estragar, mas sim, ensinar eles a preservar.” (13 anos)

“Ajudar a preservar a escola, não deixar que sujem a nossa escola. Pois não somente nós precisamos dela, como outros alunos precisarão.” (15 anos)

“Não quebrar as janelas da escola, não riscar as paredes, não quebrar as classes e não rasgar os livros.” (14 anos)

“Sim é cuidar de algo ou alguém” (14 anos)

“Sim, é cuidar da nossa escola, manter nossa escola limpa, organizada e cuidar dos objetos das salas de aula.” (13 anos)

“Significa guardar, conservar algo, por exemplo, uma fotografia se guarda.” (15 anos)

A partir dessas respostas pode-se notar que os alunos que estão saindo da escola têm noção do que é patrimônio.

Identifica-se nas respostas que não sabem detalhes sobre a história da escola mas, sabem o que significa o desrespeito e o desleixo com um bem cultural. Nesse sentido, destaca-se a importância de ações pedagógicas que possam instrumentalizar e dar conhecimento a esta comunidade escolar, que precisa de um estudo sistemático sobre Educação Patrimonial.

Destas observações, é possível fazer uma avaliação positiva, já que, em grande parte, o assunto é pouco conhecido para eles e, mesmo assim, revelaram-se dispostos a conhecê-lo. É possível identificar uma relação afetiva dos alunos com o colégio.

2.7. As professoras

O roteiro de entrevista para as professoras foi elaborado de acordo com cinco categorias de análise: formação acadêmica e atuação, história de Pelotas, patrimônio histórico, história da escola e educação patrimonial.

Foram entrevistadas 11 professoras nas áreas de Matemática, Religião, Arte, Educação Física, Geografia, História, Inglês, Ciências e Currículo.

2.7.1. Formação acadêmica e atuação

Em relação à formação acadêmica, todas docentes entrevistadas possuem curso superior. A maioria atua há mais de dez anos na docência. De todas as professoras entrevistadas, 63% estão na escola desde 2004/05. Identifica-se que 54% das docentes têm menos de cinco anos de atuação como professora. As turmas atendidas por essas docentes, abrangem todo o Ensino Fundamental, desde a Pré-escola.

2.7.2. História de Pelotas e patrimônio histórico

As professoras na maioria responderam que conhecem “um pouco” a História de Pelotas e todas disseram que “conhecem” o Patrimônio Histórico Pelotense, o que não significa que estes saberes estejam transformados em ações didáticas no cotidiano escolar. Algumas comentaram que o material didático disponível para desenvolver atividades é escasso, o que, dificulta a aplicação dessa temática.

2.7.3. História da escola

Sobre a história da escola, se a conheciam ou não, a maioria afirmou que a desconhece. No entanto, 91% das docentes responderam que sabiam que tinha sido no passado uma charqueada. Nenhuma soube dizer corretamente quem foi seu proprietário. A professora de Religião disse que conhecia a história, mas não saberia dizer o nome correto do charqueador, respondeu:

"sei...devido as palestras que a escola teve na Faculdade de Arquitetura com a professora Ester Gutierrez e daí conhecemos um pouco mais da história da escola"

Nenhuma professora soube responder quem foi o dono da charqueada, que ocupava o prédio no passado, e quem foi Ferreira Vianna. Algumas, ainda responderam erroneamente, dizendo que foi charqueador ou fundador da escola, sendo que esse morreu 54 anos antes da instalação do educandário no prédio.

Em relação às questões que dizem respeito à preservação do prédio, todas concordam que o prédio precisa ser preservado, a professora de Religião disse "sim com certeza [...] ele conta um passado da história da cidade". Contudo, fica evidente que não existe nenhuma atitude concreta de preservação por parte do corpo docente. De acordo com as respostas, percebe-se que todas têm noção da realidade sobre as questões patrimoniais, porém falta ainda iniciativa.

2.7.4. Educação Patrimonial

Sobre esta categoria, 91% das entrevistadas responderam que não trabalham com Educação Patrimonial, mesmo afirmando que conhecem, pelo menos, um pouco a história de Pelotas e o patrimônio histórico pelotense.

Apenas a professora do Currículo, disse que trabalha com a História de Pelotas, com turmas da 3^a série.

Mesmo tendo conhecimento sobre as questões patrimoniais, as professoras não se sentem seguras para trabalhar esse tema. Como não existe orientação ou exigência, o assunto é deixado de lado, por falta de conhecimento ou material didático.

Quando perguntadas se possuem alguma atitude em relação à preservação do prédio, e quais atividades que consideram importantes para a sua preservação,

100% das professoras citaram a conscientização dos alunos, segue a fala de algumas das entrevistas:

"Eu acho que tem que conscientizar os alunos que este é um prédio histórico que precisa de conservação, tanto a histórica como a nova, não estragar as paredes". (Professora de Arte)

"Acho que atitudes normais [...] de cuidado com a escola, valores que a gente passa pra crianças". (Professora da terceira série – Currículo)

"Várias, fazer com que os alunos tenham consciência de que o prédio é nosso, de que a escola de todos nós, não é da professora, não é da diretora, é principalmente deles. Acho que essa é uma das primeiras atitudes, uma das mais fundamentais. A partir do momento que a gente se apropria dessas coisas passa a valorizar mais" (Professora de Educação Física)

A professora de Português também vê a importância de conscientizar os alunos para que cuidem da escola, e que conheçam sua história, sobre isso ela ainda diz o seguinte:

"Acho que tem que cuidar da estrutura do prédio, desde não riscar as paredes, e teto pra não ter infiltração, cuidar do que já se tem, é vida. A gente tem que ter passado, sem passado, não tem presente não tem futuro não tem nada. A gente tem que procurar se conscientizar pra isso, e fazer com que os nossos alunos também saibam essa real importância da escola. Eles não sabem, não tem conhecimento, do que representa, pra cidade."

Percebe-se através das respostas, que as professoras apontam os alunos como principais responsáveis pela conscientização e cuidado com a escola, no que se refere às questões patrimoniais. Nesse sentido, pergunta-se: a quem cabe essa responsabilidade? Cabe aos professores. Pois, devem proporcionar aos alunos a tão almejada conscientização, para que eles possam ter ações de preservação que envolva não somente a escola, mas também, todo e qualquer bem cultural.

A partir da análise de todos os dados coletados, identifica-se a necessidade da aplicação de propostas pedagógicas sobre Educação Patrimonial, tendo em vista, o contexto estudado e suas características para que a Educação seja beneficiada. Isto é, fazer com que a Educação Patrimonial interfira significativamente na formação do aluno. Sobre este aspecto Horta (1999, p.8) diz:

O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição de conceitos e habilidades, assim como para o uso desses conceitos e habilidades na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional.

Fica evidente que através do processo educativo pode-se proporcionar aos educandos, novas concepções de mundo e de conceitos. Sobre a utilização das propostas da Educação Patrimonial, Horta (1999, p. 8) enfatiza que:

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva.

Ao estudar sobre as questões patrimoniais, os alunos serão estimulados a ver novamente, a sentir novamente, o que já estão acostumados a ver com “novos olhos” e perceber o quanto uma nova atitude poderá fazer seu cotidiano ser transformado e valorizado.

Todas essas transformações necessitam de um conhecimento sistematizado, e acredita-se que a Educação Patrimonial poderá ser utilizada e associada a métodos para que esse processo aconteça. É necessário, no entanto, ter clareza das necessidades que a escola apresenta. Ter noção do que se precisa saber, dominar e pesquisar.

É fundamental que se tenha o conhecimento sobre os conceitos que cercam as questões patrimoniais, assim como, as questões legais vigentes que podem servir como subsídios para o cuidado e para a conservação dos bens culturais existentes, principalmente aos que estão em nosso entorno.

PATRIMÔNIO CULTURAL: LEGISLAÇÃO E CONCEITOS

3.1. Legislação

Quem tem o dever de transformar a realidade que se vê hoje, na escola Ferreira Vianna, é a própria instituição. Quando ela aponta caminhos é possível mudar o cenário.

É necessário verificar quais os métodos que a comunidade escolar pode utilizar para influenciar o poder público e órgãos competentes para pleitear sua preservação e conservação.

Todo este pensamento está estritamente ligado à Educação Patrimonial e a propostas de ensino que visam proporcionar uma consciência coletiva de preservação com amparo legal, tendo em vista que os primeiros interessados e agentes devam ser os que são hoje os seus donos – alunos, professores, funcionários e comunidade do entorno.

A escola não está isolada, a área onde se localiza tem uma importância no contexto histórico, acompanhada por outros prédios, também esquecidos e que, igualmente, necessitam de ações para a sua conservação e preservação.

As moradias do entorno da escola foram, ao longo dos anos, ocupando espaço, sem o cuidado necessário do poder público com a preservação do local. Outro exemplo, além da escola, é a costa do Canal São Gonçalo e a do Arroio Pepino, locais de moradia e de trabalho, que precisam de uma atenção muito especial, visto que, além de estarem situados em áreas de preservação permanente, estão sujeitos a enchentes.

Tendo em vista a questão patrimonial e os valores culturais e naturais nos quais o município está envolvido desde seu surgimento, há necessidade de que este tema seja tratado, principalmente, no lugar onde se forma e informa cidadãos na escola.

Para investigar as questões relativas à conservação e preservação é preciso buscar conhecimento e amparo legal.

Ao analisar as questões legais, e considerando as condições do prédio da escola, é possível pensar na hipótese de um futuro pedido de seu tombamento, pois este é indicado quando o bem cultural está sofrendo com a ação do tempo, ou por qualquer outro fator que o esteja depredando e que possa fazê-lo desaparecer.

Sendo assim, o tombamento é um instrumento de proteção que pode ser aplicado para a conservação de um bem cultural. Souza (1997, p.62) diz que:

O tombamento individualiza o bem, seja ele coletivo ou singular – uma casa ou quadro, uma zona urbana ou coleção - , colocando-o sob regime especial que inclui a proibição peremptória de o mutilar, destruir ou demolir, e a exigência de autorização expressa para obras de reparação, restauro ou mesmo pintura.

De acordo com Souza (1997), para qualquer tipo de intervenção que seja pensada e planejada, seria necessário, primeiramente que o prédio da escola fosse tombado.

Ao

relacionar as leis ao objeto de estudo, percebe-se que é indispensável o uso da lei, para que possa ser pensado um plano de ação que proteja o futuro do prédio da escola. Uma ação a ser considerada é o tombamento, um instrumento legal disponível e eficaz para sua proteção. Sobre as questões de tombamento, indicações e procedimentos, Souza (1997, p.64) destaca que:

Havendo a desvinculação do patrimônio cultural com o ato de tombamento, pode-se então dizer que o tombamento é constitutivo de efeitos determinados na lei, quer dizer, enquanto o bem não está tombado, não está protegido contra atos do proprietário ou de terceiros que o possam mutilar, alterar ou destruir. Isto não significa que ele não seja integrante do patrimônio cultural.

O tombamento é um processo demorado e trabalhoso, que envolve um projeto de pesquisa profundo e necessita de um levantamento de dados que pode levar muito tempo. Também, para sua concretização, é necessária uma grande coleta de dados sobre o objeto – neste caso o prédio da escola – sua origem, suas atividades e principalmente o seu uso. A escola está em pleno funcionamento e tem uma função social que garante o uso e, consequentemente, o cuidado que se deve ter com sua preservação, isto apenas considerando seus aspectos funcionais.

Em relação à ação em si do pedido de tombamento do prédio da escola cito o DECRETO-LEI N° 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937, sobre bens públicos:

“O tombamento dos bens pertencentes à União, aos Estados e aos Municípios se fará de ofício por ordem do Diretor do Serviço do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional, mas deverá ser notificado à entidade a quem pertencer, ou sob cuja guarda estiver a coisa tombada, a fim de produzir os necessários efeitos.” (p.12 e 13).

Neste caso como o bem é uma escola da Rede Municipal de Ensino, pode-se imaginar que um pedido feito e encaminhado por órgãos e pessoas com as competências exigidas na lei, poderia tornar-se realidade efetiva. A preocupação com a preservação e a conservação do prédio da escola, e tudo que representa tanto para a comunidade escolar como para a comunidade do entorno e a região em que está inserida, faz com que o processo de tombamento seja no mínimo analisado e considerado, segundo o DECRETO LEI já citado. Esse ato seria uma forma de cuidar e gerenciar as questões mais preocupantes com relação à preservação, isto é, quando se trata de reformas, intervenções e ampliações, das menores as maiores que poderão ocorrer. Como a escola dispõe de recursos limitados para suas melhorias, ela depende do disponível que é repassado pelos Governos Federal e Municipal, e fica, muitas vezes, a mercê de profissionais sem o devido preparo ou conhecimento necessário para lidar com questões de preservação de bens culturais. Neste sentido cito novamente o DECRETO LEI N° 25/37 quando especifica questões a este respeito:

“O proprietário da coisa tombada, que não dispuser de recursos para proceder às obras de conservação e reparação que a mesma requerer, levará ao conhecimento do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional a necessidade das mencionadas obras...” (p. 16).

A questão financeira se apresenta como um problema sério quando se trata de construção ou reforma em prédios do poder público e, neste caso, como a escola é de periferia e está em constante uso sempre há a necessidade de reparos, esses, geralmente, ficam comprometidos pela questão financeira. De acordo com a lei, poderiam ser então amenizados alguns desses problemas, ou pelo menos evitados alguns atos que, muitas vezes, tornam-se mais danosos que a própria ação do tempo.

3.2. Conceitos

O objetivo de conhecer os conceitos que permeiam as questões relativas ao patrimônio cultural é, principalmente, o de informar-se sobre como a relação entre as pessoas e as coisas devem acontecer, visando o equilíbrio necessário para que o convívio entre as pessoas e as coisas seja norteado pelo respeito e pelo cuidado.

Ao conhecer as condições do prédio da escola, e seu estado de conservação, é possível pensar numa tomada de encaminhamentos para a sua preservação, identificando os melhores caminhos a serem seguidos, quais órgãos a serem consultados e quais cuidados e preocupações a comunidade deve ter para com ela, considerando que processo de conservação é contínuo e permanente.

A seguir alguns conceitos necessários sobre patrimônio, patrimônio cultural, bem cultural, restauração, e tombamento:

A palavra **Patrimônio** é assim definida por Machado (2004, p. 10):

A palavra patrimônio é de origem latina, derivada de pater que significa pai, num sentido mais local do que a simples referência à paternidade física. Enquanto conjunto de bens pertencentes ao pater, é utilizada no sentido de herança, legado, ou seja, aquilo que o pai deixa para o(s) filho (s).

É possível classificar o Patrimônio Cultural de diversas formas. Segundo Machado (2004, p.16) pode ser separado em Patrimônio material, Patrimônio Imaterial, Patrimônio Arquitetônico ou Edificado, Patrimônio Ambiental ou Natural, Patrimônio Arqueológico, Patrimônio Artístico, Patrimônio Religioso ou Sacro, Patrimônio da Humanidade ou Patrimônio Mundial. Ainda existem outras definições como Patrimônio Histórico, Museológico, Arquivístico e Bibliográfico. **Patrimônio cultural** também é definido pelas Cartas Patrimoniais (2004, p. 275) da seguinte maneira:

Patrimônio Cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábio, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas.

Ao conhecer tais definições fica explícita a condição de responsabilidade que todos temos perante o patrimônio cultural. Machado (2004, p. 12) diz que **Bem cultural** “é o resultado da ação do homem, fruto da relação que estabelece com a natureza e com os outros homens.” Ao produzir objetos, confeccionar utensílios e a específica e particular utilização que cada indivíduo dá a ele, está nesse momento compondo os bens culturais existentes em nossa

sociedade.

Conhecer os conceitos de preservação e conservação significa conhecer os procedimentos para a proteção de todo patrimônio cultural existente, indiferente de seu estado ou forma que apresente.

No livro “Educação Patrimonial: Orientações para professores do ensino fundamental e médio”, Machado (2004, p.19/21), define os conceitos básicos sobre as questões patrimoniais da seguinte forma:

Conservação: conservar implica manter a significação cultural de um bem, ou seja, agir de maneira a assegurar sua manutenção e sua segurança, e, também, prever sua destinação. Conservar é considerar o valor estético, histórico, científico ou social de um bem cultural.

Preservação: preservar é toda ação empreendida no sentido de proteger e, portanto, impedir a degradação do bem, ou seja, pressupõe manter a substância do bem cultural. A preservação é utilizada quando não é possível realizar a conservação.

Sobre Restauração as Cartas Patrimoniais (2004, p.250) diz que:

Art.14. A restauração deve servir para mostrar novos aspectos em relação à significação cultural do bem. Ela se baseia no princípio do respeito ao conjunto de testemunhos disponíveis, sejam materiais, documentais ou outros, e deve parar onde começa a hipótese. [...] Art.16. As contribuições de todas as épocas devem ser respeitadas. Quando a substância do bem pertencer a várias épocas diferentes, o resgate de elementos datados de determinada época em detrimento dos de outra só se justifica se a significação cultural do que é retirado for de pouquíssima importância em relação ao elemento a ser valorizado.

Outro conceito fundamental a ser conhecido é o de **Tombamento**. Machado (2004, p.20) define desta forma:

“Tombar é arrolar, inventariar, registrar os bens culturais, reconhecendo-os como integrantes do patrimônio nacional, estadual ou municipal. A palavra

tombar é uma herança do direito português, que tem como sinônimo demarcar.”

Qualquer pessoa pode solicitar um processo de tombamento, desde que, sejam observadas as condições legais sobre tal pedido.

A comunidade escolar tendo conhecimento de leis e conceitos referentes às questões patrimoniais poderá apontar algumas ações que possam resultar em uma consciência preservacionista.

Essas ações podem ser desenvolvidas através de propostas de Educação Patrimonial para que a comunidade escolar adquira conhecimentos necessários para realizar trabalhos que visam a transformação não somente de pensamento, mas também das condições físicas do prédio. O cuidado com os bens, passa a existir no momento em que conhecemos e entendemos que temos responsabilidade sobre eles.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA A ESCOLA FERREIRA VIANNA

4.1. Educação Patrimonial

Mas o que é Educação Patrimonial? No Guia Básico de Educação Patrimonial encontra-se a seguinte definição:

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando a

compensação do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. (HORTA, 1999, p.6).

A realização desta pesquisa resultou em algumas constatações e indicações para a elaboração de propostas de ensino para a escola estudada.

Especificamente na área de Arte é viável desenvolver projetos⁹ e propostas não somente para os alunos, mas para a escola, e a comunidade de seu entorno, representada pelas famílias dos alunos. É possível, através de uma proposta, relacionar conceitos e construir saberes sobre as questões relativas ao Patrimônio Cultural.

Por considerar que o Patrimônio Cultural pode e deve estar presente nas aulas de Arte, a preocupação válida é elaborar propostas de ensino para serem efetivamente utilizadas nas atividades de arte, podendo, também, ser extensivas para outras áreas do conhecimento, estabelecendo assim, uma relação dialógica.

Proporcionar o contato com valores e produções artísticas locais. A proposta que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) também enfatiza esse aspecto como se pode ver a seguir:

Fazer arte e pensar sobre o trabalho artístico que realiza, assim como sobre a arte que é e foi concretizada na história, pode garantir ao aluno uma situação de aprendizagem conectada com os valores e os modos de produção artística nos meios sócio-culturais.

Os professores de Arte talvez sejam, os “primeiros” agentes, a proporcionar para os alunos o conhecimento sobre patrimônio cultural, e os alunos serão os futuros agentes, se apropriando de saberes em benefício da cultura artística disponível em seu meio.

Observando o contexto dessa escola, percebe-se que através da Educação Patrimonial será possível concretizar idéias e atividades escolares comprometidas com o patrimônio cultural local, para, formar indivíduos preparados para conhecer, lidar e respeitar sua história, capazes de projetar o futuro com responsabilidade e cuidado e de resgatar sua auto-estima, ler o universo e orgulhar-se de sua identidade e cidadania.

⁹ “Umas das modalidades de orientação didática em Arte é o trabalho por projetos. Cada equipe de trabalho pode eleger projetos a serem desenvolvidos em caráter interdisciplinar [...] Um projeto caracteriza-se por ser uma proposta que favorece a aprendizagem significativa, pois a estrutura de funcionamento dos projetos cria muita motivação nos alunos e oportunidade de trabalho com autonomia. (PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS – ARTE, 1997 p.117)

De acordo com o Guia básico de Educação Patrimonial (HORTA, 1999), as questões patrimoniais devem ser tratadas de maneira local primeiramente, para que se tornem mais facilmente assimiladas e melhor desenvolvidas pelos alunos. Neste sentido, as propostas objetivam fazer com que os estudantes tenham acesso a história da escola e possam realizar atividades referentes a estes conhecimentos. Cabe destacar, que um dos objetivos da Educação Patrimonial visa primeiro a valorização do entorno para depois perceber as questões patrimoniais e históricas regionais, nacionais e mundiais.

Um aspecto desafiador é o que diz respeito a necessidade de reavaliar muitos conceitos já arraigados dentro de cada um, como por exemplo, a questão da “coisa velha” que deve ser substituída sempre por alguma nova. Pensamento esse que é senso comum em nossa sociedade. Trata-se de tentar construir novas idéias e atitudes que desconstruam este senso comum.

A Educação Patrimonial assume um papel fundamental na formação de crianças e adolescentes, e é ela que possui mecanismos para as transformações necessárias. Os alunos passam a sentirem-se responsáveis pela história de algo tão próximo a eles, entendem o significado de quem são e para que servem os bens culturais em todas suas categorias.

No caso de ser a própria escola o bem a ser reconhecido e preservado, fica viva a necessidade que se apresenta, de que os alunos podem e devem ser mobilizados, por serem os principais interessados no assunto. Deverá haver um planejamento prévio elaborado pelo corpo docente da escola, que deverá sempre dar o suporte necessário para a participação de toda a comunidade escolar. Para desenvolver as propostas, foram pensadas atividades que viessem ao encontro da necessidade da escola, isto é, a aplicação pedagógica acerca da Educação Patrimonial, para que a questão histórica da instituição e a questão patrimonial fossem contempladas.

O conhecimento que os entrevistados possuem sobre patrimônio histórico e, também, no que diz respeito à história do local, enfatizando-se a construção, preservação e conservação da escola, tornaram-se relevantes para a construção das propostas.

Tais propostas pretendem trabalhar a história da escola, e conscientizar a comunidade escolar sobre o assunto, através de atividades que estimulem a percepção sobre as questões do valor histórico e das diferenças entre patrimônio,

cultura, patrimônio coletivo e patrimônio individual. As propostas sugerem também ações interdisciplinares.

A interdisciplinaridade é aqui entendida como uma prática de negociação entre pontos de vista, projetos e interesses diferentes. O trabalho interdisciplinar supõe uma interação das disciplinas, uma interpretação, indo desde a simples comunicação de idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia e da metodologia. A interdisciplinaridade se impõe como um princípio de organização do conhecimento o que para Penin (1994, p. 21-28) significa que.

Para ingressar numa aventura interdisciplinar é necessário considerar, entre outros, os seguintes pré-requisitos: ter coragem de devolver à razão a função turbulenta de desacomodação; saber colocar questões, não buscar somente respostas; não perguntar ou pensar antes de estudar; estar consciente de que ninguém se educa com idéias “ensinadas”; ter coragem de sempre fornecer à razão motivos para mudar; não cultivar o gosto pela certeza do sistema, porque o conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas.

Pretende-se, também, trabalhar questões relativas a identidade cultural¹⁰ fazendo com que cada aluno possa reviver um pouco de sua própria história e de sua família, sempre fazendo relações com o lugar onde vivem e tudo o que há em sua volta.

E, sempre que possível, oportunizar aos alunos a possibilidade de se expressarem através dos conhecimentos e modalidades artísticas produzindo trabalhos, imagens e todo o tipo de construção, tanto teórica quanto prática, no ensino da Arte. Procurar tornar o estudante responsável pela preservação da história de sua escola, pela sua conservação e manutenção, já que ele é ator e construtor nesse processo.

As propostas aqui apresentadas, pensadas para a escola Ferreira Vianna, podem ser utilizadas por docentes de diferentes áreas do conhecimento através de uma relação interdisciplinar.

¹⁰ “1. Cada cultura representa um conjunto de valores único e insubstituível, já que as tradições e as formas de expressão de cada povo constituem sua maneira mais acabada de estar presente no mundo. 2. A afirmação da identidade cultural contribui, portanto, para a liberação dos povos; ao contrário, qualquer forma de dominação nega ou deteriora essa identidade. 3. a identidade cultural é uma riqueza que dinamiza as possibilidades de realização da espécie humana, ao mobilizar cada povo e cada grupo a nutrir-se de seu passado e a colher as contribuições externas compatíveis com a sua especificidade e continuar, assim, o processo de sua própria criação. (CARTAS PATRIMONIAIS, 2004, p. 272).

O prédio da escola fica localizado em um meio onde existe uma variedade de produção que pode ser investigada pela comunidade escolar, como por exemplo, a atividade pesqueira, realidade na Vila da Balsa.

Para trabalhar, na escola, é preciso observar as especificidades de cada área do conhecimento, o quanto cada docente domina sobre o assunto e buscar a aplicação de atividades que estejam bem fundamentadas na teoria para a prática ser consciente e eficaz.

A Educação Patrimonial é um processo educacional, centrado no patrimônio, como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Isto significa tomar os objetos e expressões do Patrimônio como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos.

Ter uma proposta de trabalho sobre patrimônio Cultural com alunos do Ensino Fundamental será um desafio no sentido de conseguir fazer nascer uma nova concepção entre as crianças, pois, valendo-se da fala das professoras, percebe-se o quanto distante deles está este assunto.

Fato este que, em parte, pode ser justificado pela falta de material didático disponível nas escolas sobre patrimônio cultural.

4.1.1. A metodologia de trabalho

Tomando como base as orientações do Guia Básico de Educação Patrimonial (1999), a metodologia de trabalho para aplicar e desenvolver práticas educativas, dentro da Educação Patrimonial, na escola, pode realizar-se, observando quatro etapas principais. A primeira é a **observação** que consiste na identificação do objeto, sua função e significado, desenvolvimento da percepção visual e simbólica. Pode ser feita através de exercícios de percepção visual / sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, jogos, entre outros.

A segunda é o **registro**, que é a fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica, desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional. Nesta etapa, podem ser feitos desenhos, descrição oral ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, proporcionando para as diversas áreas do conhecimento, possibilidade de trabalho didático. A

exploração é a terceira etapa e representa o desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados. Neste momento, faz-se a análise dos problemas encontrados, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes, como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais e revistas e documentos que a própria escola possa ter sobre sua história.

A quarta etapa consiste na **apropriação** que é a internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural. Pode ser feita a releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão, como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo. Nesta etapa, a área de Arte pode desenvolver atividades interdisciplinares para as produções acima citadas, enriquecendo cada ação.

A metodologia usada de acordo com as necessidades dos alunos e as possibilidades que a escola oferece, pode proporcionar um estudo qualificado, com garantia de um conhecimento consciente e proveitoso. Ao utilizar métodos que facilitam a pesquisa, tanto alunos, quanto professores, poderão desenvolver atividades que resultarão na construção e ampliação de saberes mútuos.

4.2. Sugestões específicas para as áreas de conhecimento

4.2.1 Arte

As diferentes maneiras de representar um objeto, um edifício ou meio ambiente histórico ou natural, podem dar margem ao domínio de técnicas e habilidades de expressão nos mais diversos meios: a fotografia, trabalhando com a ampliação ou distorção dos ângulos, o uso de lente, ou filtro, o desenho, a pintura, técnicas de gravura e impressão, as colagens, as fragmentações dos detalhes e texturas, a modelagem, a maquete, até o fabrico de papel artesanal. Também é possível desenvolver a expressão cênica.

As aulas de arte possibilitam a produção de pinturas e desenhos, que representem o cotidiano da vida na charqueada, observando costumes e características da época. Também podem ser feitas maquetes, recriando os prédios da charqueada. Outra atividade ligada a

cênica, é a criação de peças teatrais contando a história podendo ser representada pelos alunos a vida na charqueada. Visitar museus, casas de cultura e sítios históricos, é outra atividade proposta. Elaborar com os educandos roteiros de visitas, realizar entrevista com responsáveis pelas instituições e moradores do bairro. Com esta prática será possível entender a função dos museus, conhecer acervos, realizar estudos sobre memória, identificando os processos de preservação e conservação utilizados com cada modalidade de produção artística. Esta é uma prática que pode ser realizada observando a interdisciplinaridade. Outra sugestão é fazer uma produção através de um objeto. Cada aluno traz um objeto que considera importante na sua vida, para posteriormente fazer uma discussão sobre o valor sentimental e material. Depois poderá ser feita a representação deste, através da produção plástica, por ter novo significado ou função.

A construção de jogos e brinquedos tendo como referência a história da escola, por exemplo: palavras cruzadas, jogo da memória (utilizando fotos de elementos da escola), trilha, caça palavras, dobradura, etc.

Fazer visita no bairro é uma outra possibilidade para identificar onde estariam antigas construções (extintas) da própria charqueada e trabalhar questões espaciais. Elaborar uma proposta turística, valorizando a escola e seu entorno. Pesquisar sobre mobiliário antigo, vestuários, hábitos e costumes do século XIX, fazendo relação com o presente e o passado, são formas de estudar a história e suas influências.

4.2.2 .Matemática:

Nesta disciplina podem ser desenvolvidas as seguintes práticas: pesar e medir, calcular alturas, comprimentos, ângulos, áreas e volumes do prédio da escola. A utilização de instrumentos de medição (réguas, fitas métricas, fios de prumo, etc.) no desenho de edifícios e na confecção de mapas e plantas. É possível utilizar medidas e métodos históricos para os cálculos, por exemplo: *pés, léguas, palmos, polegadas*. Também podem ser estudadas as formas e planos geométricos. A criação de padrões decorativos pode ser desenvolvida a partir de ladrilhos, azulejos, tijolos, rendas de janelas, vitrais e telhas. As fachadas dos edifícios podem ilustrar uma variedade de formas, linhas e curvas, e problemas de ritmo e simetria.

Os aspectos financeiros e estatísticos dos objetos, edifícios ou conjuntos

históricos também oferecem oportunidades para exercícios matemáticos, como custos de fabricação, dos materiais, da mão-de-obra e do tempo de construção.

4.2.3 Ciências

Os alunos podem usar lentes para examinar os diferentes materiais e suas texturas e qualidades. A deterioração dos materiais, em objetos e edifícios históricos, é um bom pretexto para se produzir hipóteses e pesquisas sobre como e por que alguns materiais se deterioram diferentemente de outros. Pode-se fazer experiências com madeiras, metais, ferro, plástico, papel, vidro. As questões sobre a orientação solar, o clima e, particularmente, a umidade são importantes, principalmente, para descrever-se Pelotas. Os sistemas de drenagem de água das chuvas e dos esgotos podem ser objetos de estudos tecnológicos e de debates sobre mudanças do passado para o presente e projeções para o futuro.

Neste aspecto, a discussão sobre a questão ambiental do bairro, por exemplo, do canal São Gonçalo, das condições ambientais a que está submetido e dos cuidados de que precisa, é uma alternativa. Outra atividade é observar se próximo a escola encontra-se algum curso de água, prédios e ou árvores antigas que não estejam conservados.

4.2.4 Geografia

O estudo de um centro histórico, como a escola e o meio natural, onde está localizada, possibilita ponto de partida para a abordagem dos temas dessa área. Tendo como base a evidência histórico/cultural, a elaboração de mapas e plantas de edificações, a comparação com mapas antigos, a análise dos registros populacionais da localidade são outros recursos a explorar. A localização privilegiada da escola Ferreira Vianna, junto ao Canal São Gonçalo, permite fazer relações deste curso de água, por um lado, com a lagoa Mirim e o rio Uruguai; pelo outro, com a Lagoa dos Patos, o Oceano Atlântico e o porto de Rio Grande. Desse “navegar” emergem diversos temas e em diferentes escalas, que favorecem a apreensão dos problemas em nível local, regional e mundial.

Os estudos para a área da Geografia

possibilitam a identificação de diferentes localizações de cursos de água, de vegetações, de prédios e de equipamentos urbanos (escolas, postos de saúde, pontos de ônibus).

4.2.5 História

Os objetos e monumentos do passado são evidências concretas da continuidade e da mudança dos processos culturais. Neste contexto, é possível fazer relações com a questão histórica da escola, com a comparação do número de tijolos antigos, de maior dimensão, e atuais em uma mesma metragem de parede. Neste momento, a proposta de uma pesquisa, utilizando a própria construção do prédio principal da escola, para as investigações de materiais utilizados e seu estado de conservação, torna-se um bom estudo de caso. Fazer uma pesquisa sobre o sobrenome de cada aluno. Também pode ser feito um estudo sobre brasões, de onde vem esse costume e toda a produção de cada brasão estudando o significado dos elementos que constam em cada um e sua origem. A comparação do prédio antigo com as demais casas do passado de nossa cidade favorece aos alunos a compreensão de como os estilos e modos de vida das sociedades mudam ao longo do tempo. Pode ser feita, linha do tempo, árvore genealógica, etc. É possível fazer a comparação entre os materiais e as técnicas de construção dos diversos prédios nos diferentes períodos em que foram executados.

4.2.6 Português

Produção textual, recontando a história da escola e do bairro onde está inserida, podendo adaptar texto para encenação cênica. Produção de História em Quadrinhos. Busca de termos em dicionário, conhecendo sinônimos, substituindo por termos atuais.

A leitura e interpretação de textos através do uso de contos gauchescos, que remontam à época em que a escola era uma charqueada, são propostas práticas que enriquecem o estudo.

Também a elaboração de roteiro de entrevista e questionários para serem aplicados na escola, assim como, na comunidade.

A história oral representa uma atividade em que os alunos têm a oportunidade de contar sua história e conhecer a de seus colegas. Estimular que façam essa atividade em casa com seus familiares

para conhecer a história de seus antepassados como e onde viviam, quando e por que passaram a morar nas imediações da escola. A apresentação de um seminário estimulará a oralidade. Finalizando este capítulo, cabe aqui dizer que as propostas tomaram como foco principal a história da escola, que oferecem possibilidade de produção didática pedagógica, para poder ser desenvolvida pelos docentes. Cada professor, com sua metodologia e organização, sabe como aplicar, melhorar e adaptar os assuntos, de acordo com suas respectivas áreas de atuação. Reafirma-se que, através da Educação Patrimonial os alunos da Escola Ferreira Vianna, poderão adquirir conhecimentos essenciais e necessários para entender as questões patrimoniais e para que se tornem capazes de observar, registrar, desenvolver, participar, explorar, preservar e conservar na medida do possível, não somente os prédios em si, mas sua memória e sua história.

Para chegar à iniciativa de fazer esta pesquisa afirmo que é preciso ter uma prática educativa voltada para a avaliação constante sobre o que se faz e o que se pode fazer em benefício do processo de ensino e aprendizagem. A Educação Patrimonial foi objeto de estudo na disciplina de Estratégias do Conhecimento e Divulgação do Patrimônio Histórico Cultural, onde realizamos, sob a orientação da professora Carmen Lúcia Abadie Biasoli, um livro, intitulado: **Brincando com Patrimônio II**. Minha contribuição foi a elaboração de quatro páginas, sobre a escola Ferreira Vianna (Apêndice 5). Paralelo a elaboração do livro e da pesquisa, fui convidada pela professora Ester Gutierrez da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, para participar num projeto de Educação Patrimonial. Em 2005, o **Ministério da Educação** abriu edital chamado “**Programa de Apoio a Extensão Universitária Voltado às Políticas Públicas**”. Em 2006, para responder a esse chamamento, a Universidade Federal de Pelotas trabalhou no “**Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Espacial do Sul**”, composto por dois projetos, “**Continuidade Espacial nos Novos Municípios do Sul**” e “**Inclusão do Arroio Pepino. Pelotas. RS**”. Esse último, com dois subprojetos, “**Urbanização nas margens e entorno do Arroio Pepino**” e “**Educação Patrimonial e Ambiental**”.

Trabalhei, então, em conjunto e sob orientação da professora Ester Gutierrez, na parte da Educação Patrimonial, ocasião em que participei da elaboração de materiais didáticos. A zona de abrangência do projeto fica localizada coincidentemente onde está a escola Ferreira Vianna, que é meu local de trabalho e meu objeto de pesquisa na especialização. Sendo assim, foi mais uma oportunidade

de produzir material didático, e aplicar propostas com relação às questões patrimoniais. Foi produzida uma exposição permanente e um jogo didático, destinado aos alunos da terceira série. Também foi feito um material para professores, com conceitos sobre patrimônio cultural e sugestões para aplicação de atividades pedagógicas. A participação nesses projetos, fez com que a percepção sobre a minha prática docente fosse repensada, no sentido de valorizar cada vez mais o que e entende como bem cultural. Percebi que, atentar para o cotidiano, para o meio, muitas vezes, representa um estudo muito proveitoso, capaz de proporcionar um crescimento significativo tanto na minha formação quanto na de meus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de refletir sobre os estudos feitos através desta pesquisa, percebe-se que a Educação Patrimonial pode ser vista no ambiente escolar como uma proposta interdisciplinar de ensino que foca questões locais, mas, ao mesmo tempo, trata de aspectos regionais, nacionais e mundiais.

Os materiais sobre Educação Patrimonial ainda são muito escassos.

Acredito que estamos no início de um processo que poderá ser muito rico quando, vários setores da sociedade estiverem atentos para ele, no entanto, uma instituição que conserva uma história tão significativa, como a estudada, pode resolver parte desse problema, se tiver um olhar voltado para si, em seus detalhes. Ao fazer uma análise sobre os aspectos históricos apresentados, percebendo a relevância da zona estudada, fica evidente a possibilidade de se trabalhar com o patrimônio cultural, de forma adaptada e interessante, tanto para alunos, quanto para professores. Nesse sentido, esse trabalho representa um estudo sobre as origens de uma população e nela embutido uma questão de identidade cultural, tema que a Educação deve abordar em seus diferentes níveis, atingindo todas as séries da escola.

Foi possível perceber que a comunidade escolar da escola Ferreira Vianna, não possui um estudo sistemático sobre questões patrimoniais, mas apresenta disposição para trabalhá-los. Talvez esteja faltando apenas um impulso inicial. As propostas pedagógicas com base no levantamento histórico podem significar esse impulso. No caso da escola, as infinitas possibilidades de trabalhar a memória, as histórias, tanto dos objetos, como das pessoas, podem ser excelente material de estudo e pesquisa.

É evidente que uma proposta metodológica com estas preocupações, não se desenvolve em um espaço curto de tempo, porque é um processo de construção do conhecimento que visa oportunizar

aos poucos – começando na escola – uma nova percepção da comunidade escolar sobre o patrimônio cultural, sua importância e seu valor. Se o corpo docente tiver conhecimento do tema abordado, da história da escola poderá, posteriormente, aplicar propostas de estudos sobre patrimônio cultural, seja qual for a área de ensino e o nível em que atua, utilizando tais propostas em seus planos de aula e projetos, vislumbrando uma possível interdisciplinaridade tendo como foco principal a própria história da escola. A Escola Ferreira Vianna, de um modo geral se apresenta interessada em por em prática atividades que possam fazer sua história para que seu legado seja conhecido e valorizado. Percebe-se o fundamental papel da Educação Patrimonial na formação e na informação. Neste sentido, ela é uma aliada na elaboração de propostas educacionais. Os programas curriculares das escolas como um todo, não recebem nenhuma exigência, nem orientação para que se trabalhe com a Educação Patrimonial, mesmo sendo um meio de conhecer a história e apropriar-se dela. Com a Educação Patrimonial poderemos esperar um aluno que conheça, vivencia e aprenda a respeitar, sua história, sua cidade, enfim, seu patrimônio. Pode-se assim, esperar a verdadeira e consciente preservação e conservação de tudo que consideramos valioso e digno destes cuidados.

Conhecer sua história proporcionará aos alunos e consequentemente, à comunidade escolar, o envolvimento e o comprometimento necessários para ações educativas que auxiliarão no aprendizado sobre os processos culturais, cujos produtos e manifestações e que, despertem novas atitudes frente ao significado da vida individual e coletiva. Assim, esse tipo de conscientização resultará em atitudes transformadoras em benefício da cidadania de cada um de nós.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Marcos Hallal dos Anjos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX.** Vol. 1, Editora Universitária – Pelotas, 2000.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas – gênesis e desenvolvimento urbano.** Pelotas Editora Armazém Literário, 1994.

BIASOLI, Carmen Lúcia A. **A formação do professor de arte: do ensaio... a encenação,** Campinas (SP): Papirus: 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – N° 9.394/1996.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE.** Brasília: MEC / SEF, 1997.

BOHAN, Hugues de Varine. **A Experiência Internacional.** São Paulo:FAU/USP/IPHAN, 1974.

CASTRO, Sonia Rebello de. **O Estado na Preservação de Bens Culturais.** Editora Renovar, Rio de Janeiro, 1991.

CURY, Isabelle (org). **Cartas Patrimoniais.** 3ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese.** 12^a ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.

ECLETISMO. Arquitetura Eclética. Arquitetura Moderna Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_ecl%C3%A9tica> Acessosso em: 15 jan 2007.

FENEILON. Déa Ribeiro. Patrimônio Cultural, Memória e História. EXPOR. **Revista de Pós-Graduação em Artes.** Pelotas ILA/UFPEL, v. 1 n° 2, 61-70.p Abril/1996.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Patrimônio Histórico e Cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006

JANSON,H.W. , JANSON Anthny F. **Iniciação à história da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 475p.

JANSON, H. W. **História geral da arte**. São Paulo: Martins Fontes,1993. 824p.

GUTIERREZ, J. B. **Negros, charqueadas & olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. 2. ed. Pelotas: Ed. UFPel, 2001.

_____. **Barro e Sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777-1888). 1999. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

_____. **PELOTAS**: palco da manufatura escravista das carnes na fronteira meridional do Brasil. Proposta de Tombamento. Pelotas, maio 2004

_____. (coord.) **Museu do Charque**. Manaus: Novo Disc. Multimídia Educacional, [2003]. 1 CD-ROM.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 8^a ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

_____. **Fundamentos da Educação Patrimonial**. In: **Revista Ciências & Letras**. Porto Alegre: FPAECL, n. 27.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional). Ana Carmen Amorin Casco. Sociedade e Educação Patrimonial. Disponível em: <<http://www.portal.iphan.gov.br>>.

LEITE, José Antonio Mazza. **“Xarqueadas” de Danúbio Gonçalves: um resgate para a História**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2004. 185p.

LEON, Zenia. **Pelotas: Casarões contam sua história**. Gráfica D.M. Hofstäter, Pelotas, 1993.

MACHADO, M. B. P. **Educação Patrimonial**: orientações para professores de Ensino fundamental e médio, Caxias do Sul – RS: Maneco, 2004.

MAGALHÃES. Mario Osório. **História e Tradições da Cidade de Pelotas**. 5^a Edição. Editora Armazém Literário – Pelotas, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 15 set 2006.

NEVES, Guilherme Pereira das. Da História como Memória da Nação à História Enquanto Crítica da Memória Nacional. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Estado e Cultura, N° 22 – 1987.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade – A França no século XIX** – São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

OSÓRIO. Fernando. **A cidade de Pelotas**. 3^a Ed. Pelotas: Armazen Literário, 1997.

PENIN. Sonia T. de Sousa. **A aula como espaço de conhecimento, lugar de cultura**. Campinas, Ed. Papirus, 1994.

REVISTA MUSEU. Brasília: IPHAN. Moema Nascimento Queiroz, A Educação Patrimonial como Instrumento de Cidadania. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br>. Acesso em: 26 set 2006.

SOUZA, Carlos Frederico Marés de. **Bens Culturais e Proteção Jurídica**. Porto Alegre. Ed. Unidade Editorial, 1997.

TVE BRASIL. **Educação Patrimonial**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br>. Acesso em: 22 set 2006.

VAROTO, Renato Luiz Mello. **Lendo Pelotas**. 2^a Edição. Pelotas. Editora da Universidade, 1995.

XAVIER, Janaina Silva. **Chafarizes e caixa d'água de Pelotas – fontes de vida e beleza**. 2006. 141 f. Monografia Especialização em Artes – Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos – Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

APÊNDICES

Apêndice 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM DIREÇÃO

1. A escola possui alguma orientação ou exigência da Secretaria da Educação para trabalhar com Educação Patrimonial?
2. A Educação Patrimonial já foi tema de alguma discussão na escola ou da escola com a Secretaria Municipal de Educação?
3. A escola possui em seus planos de estudos, propostas de ensino sobre Educação Patrimonial?

ROTEIRO DE ENTREVISTA (PROFESSORAS)

- 1 Qual sua formação?
- 2 Em que ano você se formou?
- 3 Há quanto tempo você leciona?
- 4 Para quantas turmas e quais séries você leciona nesta escola?
- 5 Você conhece a História de Pelotas?
- 6 Você conhece o Patrimônio Histórico Pelotense?
- 7 Você trabalha com a História de Pelotas?
- 8 Você sabe o que é Patrimônio Histórico?
- 9 Em que ano você começou a trabalhar nesta escola?
- 10 Você conhece a história desta escola?
- 11 Você sabia que o prédio da escola foi sede de uma charqueada no passado?
- 12 Você sabe quem foi o dono desta charqueada?
- 13 Você sabe quem foi Ferreira Vianna?
- 14 Você já trabalhou com Educação Patrimonial?
- 15 Você tem alguma atitude com relação à preservação da escola?
- 16 O prédio desta escola precisa ser preservado?
- 17 Que atitudes você considera importantes para a preservação e conservação do prédio da escola?
- 18 Você sabe o que significa preservar?
- 18 De quem é a responsabilidade pela preservação deste prédio?

Apêndice 3

QUESTIONÁRIO (ALUNOS)

1- Idade:_____

2- Sexo: () Masculino () Feminino

3- Série:_____

4- A quantos anos você estuda nesta escola?

5- Você sabia que o prédio da escola foi sede de uma charqueada no passado?

() Sim () Não

6- Você sabe o que é patrimônio histórico?

() Sim () Não

7- Você sabe quem foi o dono desta charqueada?

() Sim () Não

8- Você sabe quem foi Ferreira Vianna?

() Sim () Não

9- O prédio desta escola precisa ser preservado?

() Sim () Não

10- Você tem alguma atitude em relação à preservação da escola?

() Sim () Não

11- Você sabe o que significa preservar?

PROTOCOLO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada com a Diretora da escola

Data: 18/09/2006

Hora: 10h

1. Nunca nem ouvi falar, sobre isso, em nenhuma reunião. Eu ouvi comentários que a gente não podia mudar a cor da escola, que as escolas tinham todas, o mesmo tom, que era uma questão de preservação de prédio público, mas nada haver com questão patrimonial, assim, era só pra se identificar que a escola era municipal. A Prefeitura tem um padrão, mas nada haver com o patrimônio, com a preservação patrimonial da escola. 2. Nós não temos propostas de ensino sobre educação patrimonial, nos planos de estudo da escola. O que existe, é patrimônio publico, existe no conteúdo de terceira série, por exemplo, os prédios históricos de Pelotas, a gente trabalha bem as charqueadas. Isso surgiu aqui, pra nós, com o trabalho da Ester Gutierrez, foi a primeira pessoa que veio entrevistar e saber da vida dessa comunidade. Perguntar como era a escola e, como eu também já estudei nessa escola e já morei nessa comunidade eu sabia um pouco da localidade, determinada casas e coisas assim, e foi uma coisa gostosa e rever e pensar e ver que existe um valor histórico aqui nessa comunidade e que não é valorizado, foi deixado de lado, foram construindo casas sem nenhuma estrutura, sem nenhum planejamento. O Ferreira Vianna que é o patrono da nossa escola foi quem redigiu a Lei Áurea, a gente não sabia. Um fato importante, pra tu ver como não existe nenhum plano de estudo de Educação Patrimonial da escola, que uma diretora pintou as paredes da escola, de flores. Eu fiquei chocada vendo esse tipo de trabalho. Na época, te juro que me chocou muito, e ninguém reclamou, inclusive eu que fiquei chocada, não reclamei. As crianças começaram a achar bonito, todo mundo achou que estava mais alegre a escola, ninguém reclamou. Nessa mesma equipe... foi assim, o quadro que nos tínhamos na escola como patrimônio que tinha uma história do Ferreira Vianna, foi colocado no lixo, porque ele tava velho, e tinha pessoas que não agüentavam mais olhar pra ele, bem assim se falava. E eu fico pensando que a gestão anterior era uma professora de História, e então por isso ela tivesse guardado aquele quadro, mas também nunca passou pro grupo, então não foi por maldade, foi por ignorância mesmo, falta de conhecimento, uma pena.

